

## **GEOPOLÍTICA DA SOJA: DINÂMICAS CONTEMPORÂNEAS NAS RELAÇÕES BRASIL-CHINA-EUA**

JOSUÉ KUHN VÖLZ<sup>1</sup>; SAMUEL DE JESUS CABRAL<sup>2</sup>; TIARAJU SALINI DUARTE<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [josuekvolz@gmail.com](mailto:josuekvolz@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [samuel.gts10@gmail.com](mailto:samuel.gts10@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [tiaraju.ufpel@gmail.com](mailto:tiaraju.ufpel@gmail.com)

### **1. INTRODUÇÃO**

Desde épocas remotas, existe a necessidade de organizar a coleta, cultivo, transporte, armazenamento e intercâmbio de alimentos, visando à sobrevivência da vida em comunidade. Na história internacional recente, a competição por recursos disponíveis às estruturas sociais tornou-se um tema central no campo do conhecimento conhecido como geopolítica. Atualmente, observamos uma expansão e complexificação desse estudo, ao incorporar novas reflexões e valorizar atores emergentes.

Neste contexto, o artigo visa retomar as contribuições de BECKER (2003; 2005) sobre a relevância da logística como uma base fundamental na nova geopolítica. Essa ideia orienta a análise da importância da cadeia de produção e distribuição da leguminosa soja (*glycine max*) em relação às dinâmicas de cooperação e/ou conflito entre os estados-nação.

O texto apresentado faz parte de uma ampla investigação — que se concentra na relação entre *traders* da cadeia do soja com os países China, Brasil e Estados Unidos da América — em andamento no contexto da dissertação de mestrado em Geografia (PPG GEO - UFPel) do autor principal. Isso se relaciona com sua trajetória na graduação em Relações Internacionais (UFPel) e bacharelado em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural (UFRGS). Nesse sentido, o foco do texto é uma breve e geral explanação sobre as contribuições dos estudos geopolíticos na análise das posturas dos principais atores estatais nas várias etapas do agronegócio da soja.

### **2. METODOLOGIA**

Esta publicação é composta por duas abordagens complementares. De um lado, há a coleta de dados secundários sobre a situação do setor de produção e distribuição de soja no mercado global. Com base nas contribuições de MELLO; BRUM (2020), GOMES ET AL. (2022) e NORBERG; DEUTSCH (2023), será apresentado um panorama atual sobre o grão. Essas informações serão examinadas à luz das discussões teóricas de BECKER (2003; 2005), culminando em reflexões sobre o papel da logística na geopolítica contemporânea.

É importante ressaltar a trajetória de encontros promovidos pelo grupo de pesquisa Geografia Política, Geopolítica e Territorialidades (GEOTer), que faz parte do Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (LEUR). Esse ambiente de trabalho tem sido crucial para a abordagem e comparação de diferentes perspectivas, permitindo a construção mútua e a solidificação da proposta atual. Também é nesse espaço que se destaca a contribuição em coautoria e orientação.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo surge a partir de provocações teóricas que buscam superar limitações nos estudos de geopolítica que naturalizam o papel do Estado. Compreende-se que as dinâmicas de poder global não se restringem a esse ator, e que não há uma forma fixa para a dinâmica. Ao contrário, BECKER (2003) argumenta que a relação entre o estado e o espaço é complexa e circunstancial. A autora identifica dois momentos fundamentais: inicialmente, no século XIX, durante a consolidação do Estado-nação no auge do capitalismo industrial, destacando-se a obra de RATZEL (1988), que buscou desenvolver instrumentos para que a Geografia Política atendesse às necessidades estratégicas dos governantes em dominar seu ambiente. RATZEL (1988) também explorou a relação estreita entre a base material do Estado e seu povoamento, buscando estabelecer leis gerais sobre o tema (BECKER, 2003).

O segundo momento se refere à nova configuração constituída após a segunda guerra mundial: o Estado de governo. Com base nos escritos de FOUCAULT (1979) e LEFEBVRE (1978), comprehende-se que esse modelo estatal é fundamentado em “controle do crescimento populacional, Economia Política e dispositivos de segurança” (BECKER, 2003, p. 285), expressando seu poder por meio da governamentalidade. Assim, o controle das relações sociais na produção do espaço se torna crucial, privilegiando os campos técnico e político.

Por fim, vive-se um terceiro estágio. Segundo BECKER (2003), a revolução científico-tecnológica instaurou a logística como o núcleo do poder, a “inteligência militar do Estado moderno” (BECKER, 2005, p. 287). Tanto setores militares quanto civis concentram-se em ganhos produtivos por meio da acumulação de conhecimento. Além das novas dinâmicas sociais e de poder, que possibilitam a criação de redes de troca de informações.

Esse movimento se relaciona aos fluxos de internacionalização financeira e comercial, conhecidos como globalização. No entanto, esse processo não se dá de maneira homogênea. A valorização de determinados territórios ocorre em detrimento de outros que não compartilham as mesmas condições políticas e/ou de recursos, o que relativiza o poder do estado e impacta a atuação dos agentes econômicos em seu espaço (BECKER, 2003).

Nesse sentido, as cadeias de produção e distribuição de alimentos desempenham um papel central na manutenção dos arranjos sociais, especialmente em questões de segurança alimentar, além das disputas de mercado entre entidades privadas, ligadas ou não aos interesses dos estados. Isso é evidente ao estudar o setor da soja, sendo esta a terceira *commodity* agrícola mais comercializada — incluindo seus derivados — e a quarta planta mais cultivada no mundo (AMIS, 2022 *apud* NORBERG; DEUTSCH, 2023). A soja é a líder entre os organismos geneticamente modificados, representando quase metade dos grãos geneticamente modificados colhidos em 2019 (ISAAA, 2019 *apud* NORBERG; DEUTSCH, 2023).

No Brasil, o cultivo comercial de soja começou na década de 1960, com uma forte aceleração na década seguinte, impulsionada pela disseminação de novas tecnologias e incentivos políticos (MELLO; BRUM, 2019). Atualmente, o complexo da soja se consolidou como carro-chefe das exportações brasileiras, colocando o país na liderança em produção e vendas (MELLO; BRUM, 2019). Isso resultou em diversas transformações no espaço brasileiro, em sua incorporação das dinâmicas do agronegócio (MELLO; BRUM, 2019). Para comparação, entre as 362,947 milhões de toneladas produzidas na safra 2019/2020 (USDA, 2021 *apud*

GOMES ET AL., 2022), o Brasil foi responsável por 37,3%, enquanto os EUA ficaram com 31% (CONAB, 2021 *apud* GOMES ET AL., 2022).

ESPÍNDOLA e CUNHA (2015) apontam que o crescimento do setor está ligado a fatores internos do Brasil, como suas características naturais, a demanda por proteína vegetal para a produção de carne e a existência de um Sistema Nacional de Inovação, além do aumento da demanda externa que impacta os preços. Já BATISTA e BRUM (2022) identificam uma relação entre a taxa de juros média anual nos EUA e o volume de contratos futuros de soja negociados entre 2006 e 2020, sem desconsiderar outras variáveis. Destacam o “efeito China”, referente à oportunidade criada pela demanda do seu modelo de desenvolvimento, que intensificou a relação estratégica Brasil-China após a crise de 2008.

No âmbito comercial, ESCHER e WESZ JUNIOR (2022) observam que quatro empresas transnacionais do atlântico norte dominam a cadeia de soja desde a década de 1990<sup>1</sup>. Contudo, o rápido crescimento da estatal chinesa China Oil and Foodstuffs Corporation, especialmente após a aquisição das empresas Noble e Nidera em 2014, trouxe nova dinâmica ao setor. Isso se reflete na rápida ascensão da China, como quinto lugar nas transações de soja brasileira, superando a nacional Amaggi (ESCHER; WESZ, 2022). Esse movimento está alinhado com a busca chinesa por segurança geoestratégica, em um mercado em expansão, visando minimizar o impacto de influências externas, que vão das mais hostis, como as dos Estados Unidos, às mais sutis, como as do Brasil. A somar-se com a preocupação das flutuações produtivas internas decorrentes das monções. Enquanto isso, o Brasil enfrenta problemas de escoamento, embora tenha grande disponibilidade de terras. Enquanto China e EUA possuem uma malha ferroviária mais efetiva, mas enfrentam limitações de expansão territorial no cultivo (CHAVES ET AL., 2005).

#### **4. CONCLUSÕES**

A partir da bibliografia apresentada, é possível perceber a relevância do aspecto logístico no comportamento dos Estados-nação na arena internacional. Isso se reflete na cadeia de produção, distribuição e beneficiamento da soja, dada sua importância como matéria-prima fundamental para produtos de alta demanda. Os setores a montante e a jusante desse agronegócio também são afetados pela dinâmica econômica promovida pela industrialização do setor, beneficiando os serviços correlacionados, mas também as áreas de pesquisa e inovação.

Contudo, esse movimento é permeado por controvérsias. O caso brasileiro indica um aumento na disponibilidade de divisas externas, mas também gera preocupações quanto à reprimarização da economia (BATISTA; BRUM, 2022). Há aumento das exportações *in natura*, especialmente com a entrada de empresas chinesas no setor (ESCHER; WESZ, 2022). Embora não seja o foco deste trabalho discutir questões socioambientais, é pertinente refletir sobre os interesses brasileiros em sua posição nesse mercado e quais objetivos se pretende alcançar a longo prazo, considerando os investimentos que a cadeia da soja tem demandado ao longo de mais de cinquenta anos.

---

<sup>1</sup>Conhecidas como grupo ABCD: as norte-americanas Archer Daniels Midland, Bunge, Cargill e a holandesa Dreyfus.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, G. BRUM, A. L. Geopolítica da commodity soja no Brasil e no mundo no período de 2006/2020. **III SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL**. Ijuí, 08 a 11 de novembro de 2022. In: Anais do III Simpósio Latino-Americano de Estudos de Desenvolvimento Regional (SLAEDR). Ijuí: Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Desenvolvimento Regional da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. 2023. v. 3 n. 1. n.p

BECKER, B. A Geopolítica na virada do milenio: logística e desenvolvimento sustentável. In: CASTRO, I. COSTA GOMES, P. CORREA, R. (Org.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. C 10 p. 271-307.

ESCHER, F. WESZ, V. J. Jr. Dinâmica recente do complexo soja-carne Brasil-China no contexto do Cone Sul. **CAMPO-TERRITÓRIO: REVISTA DE GEOGRAFIA AGRÁRIA**, Uberlândia. v. 17, n. 46, p. 131-151, 2022.

CHAVES, A. de. COSTA, E. DESCOWI, L. DINIZ, R. SEIDEL, R. RUHOFF, A. L. Geopolítica da soja: capital e contexto internacional. In: **III SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA**, Presidente Prudente, 2005. Anais eixo agronegócio. Presidente Prudente: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária em São Paulo.2005. v. 3 n. 1. n.p

ESPÍNDOLA, C. CUNHA, R. A dinâmica geoeconômica recente da cadeia produtiva da soja no Brasil e no mundo. **GeoTextos**, Salvador, vol. 11, n. 1, p. 217-238. 2015.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GOMES, M. A. RODRIGUES, M. A. A. SANTIAGO, M. A. SOUZA, P. S. B. SILVEIRA, T. M. S. A cadeia produtiva da soja brasileira *in:* **SEAGRO**, 15., Cascavel, 2022. Anais... Cascavel: Fundação Assis Gurgacz, 2022. v.6. p.55.

LEFEBVRE, H. **De l'État**. França: Union générale d'éditions, 1976.

MELLO, E.S. de. BRUM, A.L. A cadeia produtiva da soja e alguns reflexos no desenvolvimento regional do Rio Grande Do Sul. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 10, p.74734-74750, 2020.

NORBERG, B. DEUTSCH, L. **The Soybean Through World History: Lessons for Sustainable Agrofood Systems**. Londres: Routledge. 2023.

RATZEL, F. **Géographie politique**. Paris: Ed. Régionales européennes, 1988.